

Escritas no barro: encantaria da Lira Marques no Vale do Jequitinhonha

Ana Flávia Andrade Figueiredo¹

José Cláudio Luiz Nobre²

Silvia Regina Paes³

Resumo: Este texto resulta de um trabalho coletivo de registro da história de vida e obra da Mestre Lira Marques, referência no Vale do Jequitinhonha e no mundo, como ceramista, pesquisadora de terras, contos, cantos e memórias da região, presentes em sua maestria, nas suas artes e nas suas militâncias por causas sociais. Evidencia-se, aqui, a ancestralidade, que vibra nas suas obras e nos ensina que o saber tanto é constitutivo da chama vital quanto demarca nossa presença no mundo. Escrito por integrantes da Comissão do Encontro de Saberes na UFVJM em parceria com a mestra Lira Marques, que também compõe a Comissão e compartilha memórias e ensinamentos aqui e alhures no chão da vida, o texto está organizado a partir da narrativa da Mestre Lira Marques e estruturado pelos outros autores que a acompanham na escuta. Assim, valendo-se de autores como Carvalho (2023), Figueiredo (1983), Santos (2019), Trancoso (2020), entre outros, busca-se neste texto, além de tecer um retrato singelo das maestrias de Lira, trazer reflexões e apresentações que retratam a vida e a obra desta mestra polímata, impar, de projeção e reconhecimento nacional e internacional; uma mestra de grande saber e expressão da diversidade cultural do Vale do Jequitinhonha – MG.

Palavras chave: Saberes Ancestrais. Mestres de saberes. Encontro de Saberes.

Written in clay: Lira Marques's enchantment in the Jequitinhonha Valley

Abstract: This text results from a collective work of record of the life history and work of Master Lira Marques, reference in the Jequitinhonha Valley and in the world, as a ceramist, researcher of lands, tales, songs and memories of the region, present in his mastery, in their arts and their militancy for social causes. Here the ancestry is evident, which vibrates in his works and teaches us that knowledge is both constitutive of the vital flame and demarcates our presence in the world. Written by members of the Commission of the Meeting of Knowledge at UFVJM in partnership with the master Lira Marques, who also composes the Commission and shares memories and teachings here and elsewhere on the floor of life, the text is organized from the narrative of Mestre Lira Marques and structured by the other authors who accompany her in listening. Thus, using authors such as Carvalho (2023), Figueiredo (1983), Santos (2019), Trancoso (2020), among others, we seek in this text, in addition to weave a simple portrait of the Mastery of Lira, bring reflections and presentations that portray the life and work of this teacher polymath, projection and national and international recognition; a master of great knowledge and expression of the cultural diversity of the Jequitinhonha Valley - MG.

Keywords: Ancestral Knowledge. Knowledge masters. Knowledge Encounter.

¹ Professora Adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e Integrante da Comissão Encontro de Saberes na UFVJM.

² Professor Adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e Integrante da Comissão Encontro de Saberes na UFVJM.

³ Professora Associada na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e Integrante da Comissão Encontro de Saberes na UFVJM.

1 Introdução

O presente texto tem como principal motivação o registro da história de vida e obra da Mestreira Lira Marques, referência não só no Vale do Jequitinhonha, como ceramista, pesquisadora de terras, contos, cantos, memórias da região que se tornam presentes em seu trabalho como artista e militante de causas sociais. Sua ancestralidade também grita através de suas obras e nos ensina que a expressão destas marca nossa presença no mundo. O texto foi escrito a quatro mãos: integrantes da Comissão do Encontro de Saberes na UFVJM e Lira Marques, que compõe tanto a Comissão, como compartilha aqui memórias e ensinamentos. Este artigo, fruto da narrativa da trajetória de vida da Lira, foi organizado pelos autores que a acompanharam. Tal narrativa compõe e perpassa todo o corpo do texto.

Dessa forma, o presente artigo se apresenta como conhecimento intuitivo e poético da própria Mestreira. Este conhecimento próprio dos mestres e mestras tem, como base que o fundamenta, a experiência vivida em toda a sua plenitude. Walter Benjamin, em seu artigo “O Narrador”, apresenta o narrador cuja experiência sobre sua tradição tem muito o que contar não só sobre si, mas sobre sua gente e sua terra. Um falar de si e do coletivo.

Nesse sentido, a expressão de Lira está presente nas falas transcritas ao longo do texto⁴, assim como nas reflexões e apresentações de sua vida e obra, que ora descrevemos. Portanto, a força da sua autoria está presente no legado das suas palavras aqui registradas. E, por zelo, optamos por deixar as marcas de oralidade evidentes na redação, no sentido de preservar as características da linguagem em falas que compõem o cerne do que aqui buscamos traduzir em uma estrutura acadêmica por vezes rígida. Neste artigo, então, busca-se percorrer a trajetória de vida da Mestreira Lira, sua relação com o território e a pedagogia da pesquisa, da partilha e da troca de conhecimento. Ela se coloca como autora que dá corpo ao texto aqui apresentado. Sua fala livre se intercala com as observações dos outros autores, que se apresentam como aprendizes da Mestreira, visto que dela, seus saberes e ofícios emanam toda a narrativa e todas as reflexões aqui apresentadas (o que a torna a principal autora deste artigo) pela Comissão Encontro de

⁴ A fala de Lira está recuada a 3 cm e destacada em *itálico*. Ressaltamos que não se trata de citação. Trata-se de um destaque à palavra que entendemos ser o fio condutor da força deste texto.

Saberes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) com a Mestra Lira Marques.

2 A sabedoria de ser o que é

Mestra Lira Marques nasceu em Araçuaí, Minas Gerais, em 13 de janeiro de 1945. Cidade cravada no Médio Vale do Jequitinhonha, território que atravessaria sua vida e obra, sempre em diálogo, como ela mesmo nos alerta, com o mundo. Mestra Lira é uma referência em sua comunidade, presença marcante na mobilização e organização política dos artesãos da região; educadora, poeta, cantora, pesquisadora, ceramista conhecida nacional e internacionalmente. Suas obras comunicam uma epistemologia de mundo própria de quem se conecta à sua ancestralidade para resistir, lutar, aprender, transmitir, criar!

Sempre com uma curiosidade aguçada, se tornou, desde criança, uma verdadeira pesquisadora e, já mais velha, desenvolveu um método próprio de investigação. Desse modo, foi desenvolvendo maestria no conhecimento do barro, da lenha, da queima, das pigmentações, do imaginário instituinte do Vale!

Nascer no Vale para mim foi uma honra né? É até uma honra ser do Vale do Jequitinhonha. Eu nasci aqui mesmo em Araçuaí, aqui nessa rua Coronel de Inácio Murta. Sou filha de Odília Borges Nogueira, que é a minha mãe, e o pai chamava Tarcísio Santana Marques. Minha mãe era doméstica, lavadeira de roupa para as famílias. E eu conheci minha mãe fazendo todos esses serviços de casa, lavando roupa e, na ocasião de presépios, no mês de dezembro, o pessoal gostava de encomendar os presépios. Os presepinho de barro né? Todo ano ela tinha que fazer esses presepinho e doava, ela nem vendia. Ela doava para algumas famílias que moravam aqui no morro, chamado Morro da Liga, onde eu moro até hoje. Meu pai era sapateiro. Era um artesão também, né? E minha mãe fazia esses presepinho e eu fui crescendo vendo ela lidar com esses presépios pra essas famílias. E aí eu comecei também a fazer as coisinhas muito pequenininhas, não de barro, mas eu fazia de cera de abelha. Que meu pai tinha muita cera em casa e ele costumava passar a cera no cordão para costurar sapato. Eu achava interessante colocar brasa e derreter a cera ali e fazer as coisinhas. Fazia tudo miniatura.

Eu fui crescendo e vendo minha mãe todo ano mexendo com os presépios, aí eu comecei a visitar o Mercado Municipal. Porque tinha as artesãs debaixo da Baixa Quente, que é uma comunidade aqui perto, que faziam pote, panela, vasos, para plantar o que eles chamam aqui de caqueiro. E eu via aquilo, eu já tinha dentro de mim. Eu pensava assim: “eu quero ser, o que minha mãe é!” Tinha esse pensamento. Eu ia vendo que tudo que estava ali no Mercado, da cerâmica, eram peças mais utilitárias. Eu comecei a indagar que eu vi que tinha muita diferença daquilo que minha mãe fazia. Minha mãe não fazia esse tipo de... nem pote, nem panela. Ela fazia mais figuras humanas e os presepinho. Eu fui observando a cor, que não era a mesma. Porque minha mãe não tinha o forno em casa e ela fazia as peças cruas, que não ia no forno, ela passava tinta a óleo nas peças, para dar aquele colorido bonito. Que sem queimar ficava tudo assim natural. Aí eu fui percebendo e pensando “minha mãe, faz diferente. As peças de minha mãe não são vermelhas”. Comecei a indagar as pessoas: “Por que é que sua peça é vermelha? Por que é que sua peça está mais lisa?”. E fui observando cada detalhe e perguntando e eles falavam comigo “é porque aqui tá queimado”. Então tem essa cor de telha, do tijolo. Eu fui guardando tudo na mente e até que eu conheci a Dona Joana Poteira. O apelido dela era Poteira. Ela tinha um outro apelido também, que eu me esqueci agora no momento. Comecei também a visitar Dona Joana, que morava aqui na Vila São Vicente, que é pertinho daqui de casa. Comecei a visitar e fazer perguntas. De onde ela tirava o barro... ela foi me explicando. Eu tive o interesse de perguntar se ela me levava lá no lugar de onde ela tirava o barro. Ela falou “eu te levo sim”. Aí a gente planejou um dia e ela foi comigo. Ela era bastante velhinha já. Ela me levou até o local, que ela chamava de Barreiro, que era uma antiga olaria que tinha entre o rio Araçuaí e o afluente Calhauzinho. Eles faziam telha e tijolo artesanal. Ela me explicou todos os mistérios da queima, do fogo, de tudo. Ela foi me explicar como é que eu podia tirar aquele barro, me explicou muito sobre a queima, sobre os tipos de madeiramento a queimar. Ela foi me explicando tudo. Me ensinou como fazia um forninho, no pé do morro. Que é esse tipo de forno que a maioria dos artesãos aqui no Vale tem. Logo eu mandei fazer um forno e convidei ela para também trabalhar junto. Ela fazia os potinhos dela e eu fazia aquilo que eu já tinha em mente. E aí a gente foi, eu fui crescendo

né? Algumas coisas eu aprendi com a minha mãe, outras coisas eu aprendi com Dona Joana, e o resto com os próprios colegas, artesãos. Quando a gente fazia aquelas feiras lá na Católica, em Belo Horizonte, e a gente ia, ia dois ônibus de artesãos. E naquelas horas, após o almoço, a gente tinha aquele tempo de visitar as barracas de cada um. E eu ia olhando o que cada artesão tinha o seu trabalho diferente, aliás, tudo diferente. Eu começava também a perguntar “por que é que sua peça é mais lisa, por que que tá mais grossa, mais rústica...”. E assim eu fui aprendendo. Não aprendi tudo sozinha não. Minha aprendizagem foi um pouco com minha mãe, com a Dona Joana Poteira, que ela tinha também o apelido de Joana Pinto, que eu acho que Pinto era o sobrenome dela. E aprendi com os meus colegas artesãos. Porque eu vejo que aqui no Vale todos os artesãos têm sua maneira própria de trabalhar. É por isso que o artesanato no Vale, sempre eu falo, que é um trabalho bonito, porque, já pensou todo mundo fazendo a mesma coisa? Então a beleza do artesanato no Vale está nisso aí: em ter essa diversidade. Que cada um faz aquilo que quer, como imagina. E aí a riqueza, de nós artesãos, que eu vejo que é a criatividade. Ter criatividade. Porque o próprio inspira a gente a fazer aquilo que quer. Então, foi dessa maneira que eu cresci né, na cerâmica. E no mais, é a criatividade de cada um.

(...)

Minha mãe era uma mulher e tanto. Ela ficou viúva com três filhas pequenas, eu a mais velha. E a preocupação dela era de morrer e deixar a gente sem saber a letra do nome, sem saber assinar o nome. E ter aquele diplomazinho do quarto ano. Eu tenho até a sétima série, incompleto. Mas eu vejo que ela era uma mulher, uma mulher, artista viu? E ela tinha muitos dons. Eu vejo que ela tinha dom, eu não sei como ela aprendeu, porque ela contava do sofrimento dela criada na casa dos outros. Ela tinha coisa que parecia que era de cigano sabe? Mas tudo está no sangue da pessoa. Ensinava a gente como se defender. De alguma coisa, de algum ataque. De alguém. Ela passava tudo para gente. Aliás, sempre ela conversava com a gente com provérbios. Por exemplo, se a gente queria ir num lugar onde ela via que não convinha, ela falava “ô minha filha, boa romaria faz quem fica em sua casa em paz”. Então muita coisa dessa sabedoria, ela passava para nós. “Não adianta querer ir nesse ambiente. Eu não posso levar, não vou deixar aqui sozinha.

*Eu tô cansada de trabalhar o dia todo lavando roupa, passando roupa. Eu não posso levar por exemplo num baile, num clube, para dançar”. Porque ela falava “eu não posso levar, eu tô cansada”. Ela citava esse provérbio “boa romaria faz, quem fica em sua casa em paz”, “deus dá o frio conforme a cobertura”. Coisas assim. Era uma mulher muito espirituosa. E hoje eu fico olhando, ela tinha muitos dons. De teatro... de ensinar a gente a declamar. Fico assim observando. Então dessa maneira a gente vai aprendendo. E no trabalho de pesquisa eu aprendi foi muito, junto com o Frei Chico. E eu tive essa oportunidade de lidar, assim, **eu sou povo também!** Isso tudo facilitou também o trabalho.*

Assim, Lira, aprendiz atenta, desde criança, nos apresenta como uma observadora dos detalhes. Uma curiosa que nos ensina o quanto é preciosa às memórias do aprender (Uma curiosa que nos ensina o quanto são preciosas as memórias do aprender), que começa com os pais, depois com a Mestra Joana e com outras artesãs no Mercado de Araçuaí, como território de aprendizado valioso para olhos atentos e sedentos de querer saber mais. O carinho se abre para mais aprendizado nas feiras com os colegas da arte de fazer artesanato. A curiosidade sempre a perseguiu, como um guia de descobertas e aperfeiçoamentos, assim como o exercício de formas distintas de pesquisa e troca de saberes.

*Eu comecei com a minha mãe, com a idade, mais ou menos, dos cinco anos. E aí a gente foi desenvolvendo. Na medida em que eu fui crescendo e logo fui interessando no que eu achava interessante naquilo que ela fazia. Eu comecei a visitar o Mercado, comecei aí. E eu via essa diversidade dos vasos, dos potes, das panelas... e tudo o mais, e comecei o meu trabalho. Eu interessei quando conheci Dona Joana, morava muito perto de casa, e é também assim, parente na família né? E, com ela, eu fui adquirindo essa **sabedoria da arte do fogo**, da queima, porque é muito interessante. Aquilo que aprendi dela, de ter de tirar o barro na lua fraca, não pode ser na lua forte, porque o barro racha. Os tipos de lenha... e eu tinha esse conhecimento de lenha porque eu cresci também buscando lenha, ir no mato buscando feixe de lenha, que nessa época a gente não tinha o fogão a gás. Então, a gente tinha era o fogão de lenha. Então eu conheço muito madeiramento*

*no mato. E ela me explicava o porquê de não queimar com aquela madeira que eu estava vendo lá da calheira. Ela falava assim para mim: “ó, aqui na calheira você vê madeiramento de cerne e madeiramento grosso. Então nossas peças como são pequenas, são mais delicadas, a gente tem que usar madeiramento mais fino, uma lenha lascada, que é graveto, como a gente fala, que é a lenha que você pode quebrar assim, põe embaixo do solado dos pés, puxa para cima e ele quebra. Então tem que ser esse tipo de lenha. E os nomes das lenhas eu conheço porque eu aprendi com minha mãe. Ela falava: “ó, essa árvore chama cabeça de nego, essa daqui chama vaqueta” e assim por diante. São madeiras assim, elas não têm o cerne como Aroeira e outros madeiramentos mais. Então essas coisas tudo ela me explicava, ia me explicando. Os tipos de folhagem para dar um certo brilho na hora da queima e como arrumar essas peças dentro do forno. Aprendi com Dona Joana muita coisa. Que eu já não aprendi com a minha mãe. Porque ela não tinha forno. Ela fazia as figuras e tinha um outro processo. Por exemplo, a gente queima para a peça ter mais durabilidade. Minha mãe, o que é que ela fazia? Ela colocava outros ingredientes para dar liga no barro quando o barro não era de liga, que o barro que tem liga ele permite que você manuseie a peça. Por exemplo, uma peça que é... tipo uma boneca, então ele dava mais um jeito para você fazer os braços, peça em pé... e aquele barro que não tem liga, ele cai. Então ele é difícil para trabalhar. Ela colocava trigo, eu a vi colocar cinza e eu perguntava também para dar liga. Outras coisas que ela colocava... ela falava para mim para o barro ficar com mais resistência porque não ia no fogo. Então são coisas da sabedoria das pessoas mais velhas que elas sabem que podem passar pra gente. E com o tempo a gente vai desenvolvendo, aí vem outras tecnologias né? Que pode ser usada também. **A escola que eu tive foi com Dona Joana, minha mãe, e os próprios artesãos.** Cada um tem a sua manha, sua maneira de trabalhar. Toda vida eu vivi aqui no Vale do Jequitinhonha.*

(...)

3 Ser em seu território

Falar de Lira Marques é falar do Vale do Jequitinhonha onde ela está alicerçada. O Vale que foi cantado em verso e prosa, também foi modelado pelas mãos de Lira que

o sentiu profundamente: sentiu a dor da miséria de sua gente; a simplicidade do seu povo sendo transformada em pobreza pela esperteza da elite local e mundial.

O Vale do Jequitinhonha, por muito tempo apresentado como miserável pelos meios de comunicação do Brasil, suscita piedade dos bem-intencionados e ganância dos salvadores da pátria. Na esfera econômica, o discurso desenvolvimentista, destruidor das comunidades e sua cultura, ganha força com a proposta de ‘trazer’ melhorias às localidades. Todavia as esvazia e/ou tira destas o que pode: sua dignidade, seus territórios e riquezas. Tudo em nome do progresso que chega para poucos. Mas não tira a Arte!

A arte de Lira transforma “o Vale miserável” em “o Vale da Cultura”. Lira e tantos outros artistas, além de trazerem/erguerem a dignidade do Vale, colocam em xeque a visão pessimista, ao criticarem a sociedade hegemônica e seus preconceitos. Também mostraram e mostram, de maneira humilde, a arte que surge na simplicidade e se faz como crítica social. E o Vale se torna rico através da arte de Lira, Ulisses Mendes, Dona Izabel, Dona Zefa, Frei Chico e tantos outros que, com seu fazer criativo, revolucionam o seu lugar e espalham faíscas pelo mundo. De pobre, se eleva, majestosamente, a rico. O Vale, de pobre, não tem nada, pois alimentou e alimenta com seus minérios o mundo, enriqueceu países europeus e os EUA com riquezas materiais, que nunca ficaram por aqui nem beneficiaram os povos deste lugar. Mesmo assim, este Vale espoliado de todas as formas pela exploração do Capital, se ergue das cinzas e se torna o Vale de riquezas culturais. Na cultura, vê-se a propagação das belezas do Vale, das riquezas das artes, na voz e nas mãos de mestres e mestras cantadores, artesãos, ceramistas, trovadores, artistas, que além de propagarem o que há de precioso neste território, reconhecem a pobreza de seu povo, sabem como ela se constrói e exercem fundamental papel de denunciar as desigualdades e sofrimentos impostos a esse povo.

O Vale que exporta, até hoje, minérios para o mundo, também exporta homens e mulheres que migram para São Paulo e Rio de Janeiro em busca de uma “vida melhor”; homens e mulheres que se tornam boias-frias no corte de cana, na colheita da laranja, de café, de algodão; homens e mulheres que se somam na construção civil nas grandes capitais; que vivem como andorinhas: “nem lá, nem cá” como diz o saber popular; que migram em busca de sobrevivência e se tornam semi escravizados nas usinas de cana-de-açúcar no interior de SP.

E há também mulheres que ficam no Vale aguardando seus maridos e são representadas como “viúvas de marido vivo”; mulheres que ficam trabalhando na roça, no artesanato e na lavagem de roupa; mulheres que cantam a dura luta cotidiana na lavagem de roupas, na modelagem do barro, no trançar do tear.

De dentro dessa realidade, Lira modela e apresenta ao mundo esta vida desigual do Jequitinhonha e também se ergue na luta por um Vale mais justo e humano. Torna-se líder da Associação dos Artesãos e na construção do Partido dos Trabalhadores em Araçuaí. Em todas estas frentes ela fez a diferença na união das pessoas para se apropriarem do que é delas por direito. E assim, o Vale escorre na arte da Lira com as dores e tristezas de sua gente. O Vale profundo grita na arte da Lira Marques. Em meio à seca se lapida a vida. Em meio ao pó se trama o caminho da sobrevivência. Tece possibilidades para abrir brechas e chamar sua gente à união.

Na região nordeste de Minas Gerais se encontra o Vale, dividido em três partes: o alto, médio e baixo. É um “país” que tem tudo para ser auto suficiente. Uma região de contrastes históricos, culturais, geográficos e econômicos. Um povo que silenciosamente traçou sua identidade com os recursos naturais à disposição e se posicionou pelo que ele é: singular. Reconhecimento de sua posição no mundo. A homogeneização globalizada não sobrevive em um lugar onde o povo se ergue dos seus próprios destroços.

Talvez o ponto brilhante resida na capacidade de tecer a própria história, recriando-a, reinventando-a, imprimindo-lhe nuances resultantes da luta pela sobrevivência. Ao contarem suas histórias, permeadas por profundas emoções, chegam ao fim da narrativa com um sabor de vitória. Afinal, lograram sobreviver. A luta pela sobrevivência é o ponto brilhante em torno do qual toda a história, apesar de fragmentada, é tecida. Lutar pela sobrevivência não significa apenas trabalhar, porém, não raramente, inserir-se nas lutas políticas e sociais dos trabalhadores em busca dos direitos negados, experiência forjada por muitos deles ao longo de suas vidas. As narrativas expressam vozes que almejam ser escutadas. (SILVA, M. Ap. M, 2010, p. 28)

4 Lira canta a vida e baila no mundo

Nesta trajetória da Lira, ela mostra a alegria de viver, cantar e bailar. Evidencia que, com suas andanças e apresentações, conquistou fãs cujo reconhecimento da grande importância da Mestre está expresso no dizeres seguintes:

Eu não estudei música, mas eles falavam da sensibilidade da gente. Então eu participei muito do corpo de jurado dos Festivales como jurada. O primeiro em Itaobim, em Minas Novas, Pedra Azul, em vários lugares aqui do Vale. Tenho aqui também uma pasta só disso. E depois eu cantei muito com o Frei. Mas não assim como uma cantora. Porque eu sou assim, até para cantar comigo tem que botar no meu tom porque eu sou contra alto.

Como cantora e, em seguida, diretora no Coral Trovadores do Vale, viaja o Brasil, ajudando a disseminar a potência cultural do Vale. Olívio S. Araújo, coordenador do setor de promoção cultural da PUC-Minas, em depoimento dado a Carlos Figueiredo em seu livro “Me Ajude a Levantar”, afirma que Lira foi uma das fundadoras do Coral e relata:

(...) a Lira tem um papel que acho fundamental, é o esteio que o coral tem desde o início e ela exerce uma liderança muito grande mas não imposta, muito espontânea. E isto se dá porque, desde o primeiro momento, a Lira foi a grande figura da estruturação e implantação do coral; juntamente com o Frei Chico, mas considero muito mais ela. Fizeram um trabalho de pesquisa das músicas da região, catalogando e colhendo depoimentos, armazenando material e montando a programação que o coral iria desenvolver (...) (FIGUEIREDO, 1983, p.81)

Para Aninha, secretária de pesquisa do Frei Chico, em depoimento sobre Lira no livro *Me ajude a levantar* (1983),

(...) No coral. É uma pessoa insubstituível, a figura de trancinhas não pode faltar, pois ela é a força e a fonte de todo o grupo. Nas apresentações do coral, tem a dança da tecedeira em que ela e sua prima Fatinha formam uma dupla indispensável, com o corpo leve e educado para os movimentos da dança. (FIGUEIREDO, 1983, p. 86)

A professora Tereza Magalhães Coelho (PUC/MG) também ressalta:

(...) no Coral, a Lira é uma presença que une, que dá estímulo, ela sustenta as pessoas. E tem também as pesquisas, que ela tá sempre fazendo, que dão a originalidade ao Coral, pois as músicas que o Coral canta são músicas do povo. (FIGUEIREDO, 1983, p. 85)

O Coral foi convidado uma vez para cantar em São Paulo para os imigrantes. E a gente cantou em Guariba, Jabuticabal, e eu sempre esqueço o nome da outra cidade, que nós cantamos. Só para imigrantes. E cê precisava a história. Quando o

Coral chegou para cantar, foi só choro. E uns diziam “sou de Virgem da lapa”, outro, de outros lugares do Vale, Minas Novas. E a gente foi cantar para eles! Inclusive eu tinha sobrinho que estava lá, em Barrinha. Inclusive o padre, foi a convite de um padre, ele mandou me levar em Barrinha, para buscar o meu sobrinho. Só que nós chegamos em Barrinha, ele estava no corte de cana. O pessoal lá de Barrinha, nesse dia de cantoria, estava era trabalhando. Parece que não tinha, como é que fala, autorização, para ir lá para cantar. Um dia foi Guariba, outro dia foi Jabuticabal, e o outro nome da cidade eu me esqueci. Foi a única cidade que foi num palco sabe? Foi o único lugar, esse que eu me esqueci o nome. E nos outros lugares foi em... lugares de jogar bola. Vôlei. Lugar assim. E só nesse lugar que foi num palco. A gente foi cantar para eles, mas você só via choro de pessoas, tudo emotivo com a cantoria nossa. Levar essa alegria para eles. Então a gente vê que tem também, agora, do outro lado, tem esse lado bonito que é da cultura. Que às vezes não é valorizada. Das músicas, dos escritores, poetas, artesãos... e esse amor que as pessoas têm. Porque é muito diferente, com toda a dificuldade que tem, é muito diferente de uma cidade grande onde ninguém se conhece. Só de você olhar para aqueles apartamentos, aquela barreira, aquela distância. E aqui no Vale não, com toda alguma coisa que tem, mas todo mundo se conhece. Você oferece uma xícara de café para um, um prato de comida... é diferente da cidade grande. E a gente não pode falar que não existe o desemprego, mas tem um lado muito bonito que é o lado da cultura. Cultura popular. E a riqueza. Isso aí não pode se negar.

Tudo que eu descobria eu levava e toda a vida a gente procurou cantar da maneira como o povo nos dá e canta. Recolhia as cantigas com mãe e outras pessoas, de mais idade (...). Até hoje é assim e não parei de pesquisar não! É dança, é tudo e, à medida em que a gente vai pesquisando, o que encontro eu passo, levo pra o ensaio de todo sábado. O canto e a dança são a maneira que o povo tem de expressar seu sentimento (...). (Mestra Lira. In: FIGUEIREDO, 1983, p.42)

Lira reflete: em um batuque, todos participam, não importante classe, cor, se sabe ou não tocar ou dançar... todos participam, ninguém é excluído, ao contrário de uma sala de baile, por exemplo: “... uma pessoa que sabe dançar até bem, mas porque é pobre ou preta ou mais velha, o rapaz não chama pra dançar” (Idem). Isto nos recorda o que o Mestre Antonio Nego Bispo (2019, p.32) chama à atenção, acerca das manifestações dos povos “afro-pindorâmicos pagãos politeístas”, que são organizadas em estruturas geralmente circulares, “por fundamentos filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida”, partem de cosmovisões inclusivas. Para finalizar, um batuque poético em homenagem à Lira.

Identidade⁵

⁵ Poema de Geralda Soares inspirado na parceria dela com Lira e Frei Chico.

I
Batuque
Botoque
Tambor energia
Os pés marcando
O lábio marcado
Sou negra
Sou índia
Me arrisco
Me arranco
Me largo na vida

II
A cor da pele
fere o olho
Marca até a alma
A cor da pele
A cor da dançando
O canto
são nosso mundo
A dor, a alegria
A recusa, a noite
e o dia
A cor da pele
vem de dentro
E danço e grito
ao som dos tambores
Me assalta a certeza
E requebro e rasteio
E luto e levantou
Na história de agora
de hoje e amanhã
(Geralda Soares)

5 Lira educadora aprendiz

Lira, em suas diversas faces, não só se revela como artista, mas, também, como educadora e aprendiz. Aprendiz do Vale, de si e do outro. E como artista, é convidada a dar oficinas, palestras e aulas em escolas, em projetos sociais, em universidades. Em 2012, como a professora Terezinha Furiatti (UFMG) afirma,

(...) foi indicada pela Associação de Artesãos de Araçuaí a receber o título de Mestre. No ano seguinte, Mestre Lira foi convidada pela equipe do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha a receber o título de Mestre de Ofício, durante a 14ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG. Sua presença na UFMG durante a semana da Feira nos fez compreender e constatar o seu papel, não só em seu município - Araçuaí - mas em todo o Vale. As homenagens que ela recebeu dos artesãos durante a Feira foram emocionantes. Ainda durante essa edição da Feira, ela foi convidada pelo Programa Polo, em parceria com a Escola de Belas Artes UFMG, a ministrar oficina – Cerâmica, Canto e Danças Populares. Posteriormente, também convidada pelo Programa Polo, ministrou, juntamente com Frei Chico, uma oficina na UFMG sobre pesquisa e registros nas comunidades tradicionais. Finalmente, em reconhecimento a seu trabalho, foi uma das protagonistas da coleção Mestres do Jequitinhonha produzida pelo Projeto Saberes Plurais.

*Eu só tenho até a sétima série incompleta, mas minha mãe me ensinou muito essa sabedoria e eu lidei toda a vida com pessoas assim. A Dona Joana, nossa senhora, [breve pausa] aprendi muito com ela. Então eu vejo que eu aprendi com minha mãe a cerâmica, com Dona Joana, e depois com os meus colegas! Tudo assim, presenciando, vendo e perguntando. E vendo as pessoas, quando vinham comprar na mão da gente “ah, eu quero aquela peça mais lisa”, “eu quero aquela peça mais rústica...”. E você vai observando tudo. “Ah, com o que que cê lisa?”. “É com barro, com isso ou com aquilo”. E depois a gente, eu sou assim curiosa, e fico experimentando as coisas. E acho que esse crescimento naquilo que a gente faz, depende, vai depender de cada artesão. Eu toda vida tive essa humildade. **Aquilo que a gente não sabe, a gente pergunta.** E o trabalho da gente só pode ir enriquecendo quando a gente tem isso tudo. De perguntar, essa curiosidade... de querer saber... de querer aprender... pra gente ir pra frente né?*

Esse crescimento do barro, aqui, esse auge que ele foi lá em cima, foi na ocasião que vinha estudantes da católica. Aquele Projeto Rondon? Ele veio pra Araçuaí. Eles trabalharam aqui durante dez anos. Então vinha estudantes lá de Belo

Horizonte, lá da católica... jornalistas.... por exemplo, Chico Pinheiro. Tinha Leticia Samota e vários outros jornalistas, vinha enfermagem, de Lavras vinha agronomia, de São Paulo vinha a medicina, psicólogos, da área de história... então vinha estudantes para trabalhar aqui no Vale e a partir do que tinha no Vale, eles visitavam a cidade, os artesãos, e a partir do que viam que tinha na cidade, eles orientavam a gente né? Por exemplo, o Chico Pinheiro vinha aqui pra casa e ficava para presenciar eu trabalhar, ia para casa da Zefa presenciar um dia inteiro ela trabalhar. Viajava para zona rural comigo, porque o diretor nessa época, eu já fazia o trabalho de pesquisa, junto com Frei Chico, então o diretor pensava que para esses que eram da área de comunicação seria interessante estar junto comigo. Para ver esse trabalho de pesquisa que eu fazia. De recolher as canções, os cantos, os batuques, e às vezes a gente dormia na roça. E no outro dia o carro do campus ia buscar a gente. Então foi nessa época que o barro foi lá em cima. A cerâmica do Vale do Jequitinhonha. Porque naquele tempo também havia a CODEVALE⁶, que atuava na região. Pegando mercadoria do Alto do Jequitinhonha, lá em Minas Nova, vinha pra Chapada, Berilo, e chegava até Araçuaí. Também pegar mercadoria para levar para a loja deles lá em Belo Horizonte. Então, com a vinda desses estudantes, a chegada do Frei Chico pro Vale também... foi muito importante. Porque aí veio logo o Coral Travadores do Vale, do qual eu participo até hoje. O Frei Chico trazia estudantes aqui em casa pra ver meu trabalho, passava a CODEVALE... e aí, acho que criou um impulso para o artesanato. Aí logo veio a primeira feira do Vale do Jequitinhonha.

Mestra Lira nos relata algumas das oficinas que deu e marcaram sua memória. Além das que ofereceu em universidades como a PUC Minas e a UFMG, já mencionadas, sempre se colocou à disposição para a transmissão de seus saberes a povos indígenas (da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba – Pankararu/Pataxó, que fica em Araçuaí⁷, e ao Povo Maxacali) e projetos sociais da região.

⁶ Comissão do Desenvolvimento Vale de Jequitinhonha

⁷ No portfólio anexo a este dossiê consta o certificado de participação da Mestra Lira no III Encontro de Pajés realizado em 2014 na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba.

Para os indígenas que eu dei oficina. Pankararu, eles sempre vêm aqui em casa. Tem os Pankararu, tem os Maxacali, também já veio. Porque eu tenho uma amiga que trabalha com os índios que é Geralda Soares. É muito minha amiga e mora em Araçuaí. Então eu sempre vou lá na aldeia... (...). Eu já passei para eles sobre a tintura da terra. Os Maxacali gostam do barro, mas não mora aqui. De vez em quando eles vêm. Quando estão passando necessidade vem tudo parar aqui em Araçuaí. Também porque aqui tem a Geralda. Então é preciso Geralda tomar providência de, às vezes a prefeitura para voltar eles para trás, porque começam a sentar nas calçadas e você sabe como é que é a discriminação. Né? Começa a achar que está importunando. Mas sempre tenho contato com eles.

Aparece também muito estudante de fora, como te falei, decoradores, arquitetos, tem muita, muita visita. E de pessoas que querem saber como lidar com o barro... Por exemplo, eu dei oficina para o CPCD [Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento], dei oficina para eles de cerâmica. Na época estava mais forte, então dei de cerâmica e com a tinta da terra. Você conhece esses meninos, né? Do Tião Rocha. Pois é, Tião Rocha é meu amigo desde o Campus Avançado. E Tião Rocha depois que começou a mexer com esse projeto, ele sempre falava “gente, vamos ver se a Lira dá uma oficina para esses meninos”. Eles me pediram e eu dei a oficina para aqueles maiores que já estavam saindo do projeto. Para não sair do projeto, ele pediu para dar oficina para eles, e para os outros. Eu dei de cerâmica... foi muita coisa, porque o espaço aqui tem quintal na verdade, mas não tem assim, uma tenda né? É lugarzinho meu, de trabalho, então a gente colocava esses meninos, às vezes sentado no tijolo... e eu dei de cerâmica e da tintura da terra. E eles vinham com a coordenadora deles. Traziam, por exemplo, o açúcar... que tinha também aquele horário de recreio né? Naquele horário, eles deixavam essas coisas aqui, eu fazia o suco, eles traziam às vezes bolo, eu guardava e na hora da merenda, eles iam merendar. Depois da merenda tinha uma roda de conversa. E eu tinha que participar da roda de conversa. Junto com a coordenadora deles e eu. Sentava todo mundo no meu espaço aqui, a salinha, o alpendrinho, o quarto e o banheiro. Então depois eu expliquei como fazia o forno. Que eles poderiam ter um forno. Então eu mandei, arranjei um pedreiro para fazer um forno lá, e aí eu passei

a trabalhar lá [na sede do projeto, na cidade de Curvelo]. Tinha muito menino que tinha o dom para cerâmica. Lá não tinha só a cerâmica. Tinha a serralharia. E o que foi muito... é... como é que eu vou dizer... que sobressaiu mais lá com eles, foi o trabalho com a pintura de terra. Eles fazem até hoje. Eles faziam os cartãozim. Tem nada parecido com o de Lira. A beleza da arte é isso aí! E a cerâmica tinha muito menino com o dom da cerâmica, mas alguns passaram para a serralharia, porque a cerâmica é trabalhosa. O negócio da queima né? E eu também não podia ficar lá o tempo todo. Também esse negócio de andar, de ter de sair daqui. Eu tenho esse problema de saúde. Por causa da pressão. Às vezes a pressão está mais alta. E a gente vai vendo que a saúde não é mais a mesma. Mas eles me têm lá com muito carinho. Final de ano sempre eles fazem alguma coisa e vêm trazer para mim. Os que aprenderam comigo, os novatos que chegavam lá, quem aprendeu comigo ia ensinar para os novatos. Que é um trabalho muito interessante.

A cerâmica até não prevaleceu porque muitos que estavam na cerâmica, os meninos maiores, queriam ver aquele resultado logo. Tanto que o primeiro contato que eu tive com eles na minha casa foi assim. Não foi trabalhar, foi uma conversa com eles. Perguntei se eles conheciam alguns artesãos aqui na cidade. Falei da Zefa, falei dos artesãos que tinha, da Dona Izabel. Alguns não conheciam Zefa. Então o que é que eu fiz, “vamos sair daqui de casa, vamos conhecer a Zefa”. Então não foi logo ir para o barro com eles não. O primeiro dia de aula foi assim. Eles conhecerem primeiro o artesão. Ficamos um pouquinho na casa da Zefa, no segundo dia foi falar da minha experiência. Quando e com quem eu aprendi a trabalhar. Experiência. Meu crescimento, que não foi do dia para outro. Não era simples ser um artesão. Foi assim para falar da benfeitoria do trabalho, aquele capricho com o trabalho. Falar para eles das coisas que têm em volta da gente. Sabe? Para eles criarem. Foi assim. Até que eles conheceram a Zefa e fui falar dos outros que tinha. Eu não podia viajar com eles lá para Santana para visitar Dona Izabel, o Ulisses de Itinga, de Icaraiá... Falei dessa diversidade de artesãos que tem no Vale, das coisas, tipo de artesanato, para depois a gente conhecer o barro. E falar para eles do que eu tinha aprendido com minha mãe e com Dona Joana. Foi assim. Então muitos queriam fazer a peça e vender logo. Eles já estavam crescidos

e queriam logo era pegar no dinheiro. E muitos saíram daqui, foram embora, para fora, onde pudessem trabalhar e ter logo o dinheiro.

O barro dá trabalho de fazer, às vezes racha. Depende do barro. Você tem várias qualidades de barro. Não é tão simples. E a queima quebra. Quem mexe e faz um forno bom mesmo. E a paciência de você ficar na beira de um forno. Não é fácil ficar ali sentado. O fogo tem que ser aos poucos. Isso às vezes nem todos gostam né? Lidando com barro você tem que sujar mesmo as mãos. Outros vão procurar algo que suja menos. Tudo isso existe.

E muitos saíram daqui, foram embora, para fora, onde pudessem trabalhar e ter logo o dinheiro. Então prevaleceu mais foi mesmo a pintura. Que tinha a menina, por sinal, Andréia, que é uma ótima aluna que eu tive, que ela aprendeu e transmitiu para os outros. Ia transmitindo para os que chegavam. E de vez em quando eles mandavam aqui em casa a turma nova que chegava lá no Centro CPCD para eu ter uma conversa com eles. Para eu contar como e quando eu comecei a trabalhar, para falar para eles dessa experiência que a gente tem. E a gente tem contato até hoje. Chegando gente diferente lá, Tião: “leva na Lira”.

No mais vêm pessoas querendo saber a explicação minha sobre as pinturas da terra, da cerâmica, eu explico para eles. Mas dei muitas oficinas. E não cessa, aqui as visitas são constantes. Recebo estudantes da universidade lá de Pirassununga, aqui não cabe. Às vezes fica um bocado aqui dentro e um bocado do lado de fora. Eles vêm atrás das experiências. Conhecer a gente. Explicação sobre o trabalho. É direto. Recebi as criancinhas do Colégio Nazaré aqui. Criancinhas de prézin... professores, eles trazem os papeis de lá, esparramam as tintas de terra aqui, e eles fazem as coisas deles. Então, sempre a gente está contribuindo, de uma maneira ou outra. E eu me sinto feliz. Quando a gente é procurado. Às vezes a gente não tem assim todos os recursos na casa, de receber... mas vêm. E eu faço aqui o que eu posso fazer. Eu dou as dicas. Se na hora eu estou aqui fazendo alguma coisa eles veem. Então eu gosto, e a gente... é importante a gente ser útil nesse mundo! É importante a gente ser útil nesse mundo que a gente vive. Cada um ensina o que

sabe, como aprendeu, as técnicas... O que eu aprendi, e eu sou também uma pessoa curiosa, eu gosto de inventar coisas para ver se dá certo. Que quando eu vejo que dá certo eu vou é pra frente. Se eu vejo que não ficou bom não, aí eu paro. A gente tem que ir experimentando né? E a descoberta é muito boa! Quando você tem uma descoberta, que dá certo, igual aos cientistas que estão pelejando com a corona... Eu gosto de transmitir o que a gente sabe. E você vê sair algum efeito.

No filme “De Baixo pra Cima”⁸, Andrea Fonseca, Professora de Artes da Cooperativa Dedo de Gente, braço do CPCD, relata sobre as oficinas com a Mestra Lira:

Foram cinco oficinas. A primeira começou com Lira. A gente trabalhou junto com ela. Oficina de tintas de terra para os jovens e eles deram continuidade. Cê vai nas escolas na zona rural, a maioria das escolas, as casas das pessoas, são pintadas de tinta da terra (...). Aqui, dentro da cidade, as pessoas estão se apropriando da tintura da terra. Deixar de comprar uma tinta industrial, ela vai deixar de agredir o meio ambiente. As pessoas ficam orgulhosas e reconhecem o Vale.

6 Lira Pesquisadora: curiosidade, experimentação e invenção

Outra face reveladora da Mestra é a de ser pesquisadora da sua própria cultura. Conseguiu entrevistas a que acadêmicos não tinham acesso; embrenhou-se na mata e nos grotões do Vale.

Com esta característica de curiosidade, dedicação e amorosidade, a Mestra Lira Marques participou ativamente da construção do Dicionário da Religiosidade Popular⁹, organizado pelo Frei Chico. Foram, como anteriormente mencionado, aproximadamente 250 fitas gravadas e 15 mil folhas de manuscritos. Frei Chico reconhece que “muito mais da metade do material” que compõe o dicionário organizado por ele foi a Lira que colheu e organizou. Estudaram juntos e foram fazendo uma espécie de “formação de pesquisador” (FIGUEIREDO, 1983, p. 10-11). Mestra Lira foi importantíssima tanto na perspectiva de construção dos roteiros de perguntas, quanto na pesquisa de campo em si. Tudo o que reuniram alimentou os repertórios e as ações do Coral Trovadores do Vale, assim como seu próprio trabalho artístico, intelectual e político.

⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EUbPJNl_s5c; Acesso em 10 out.2022.

⁹ POEL, Francisco Van Der. Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013. 1150p. ISBN: 978-85-8066-102-6.

Na abertura do livro “Ser Negra no Vale: um estudo sobre a mulher negra de Araçuaí no Vale do Jequitinhonha” Frei Chico apresenta que foi fruto da ideia de Mestra Lira, um ano antes, em 1987, fazer um levantamento da consciência negra em Araçuaí, em preparação ao Centenário da Abolição da Escravidão no Brasil. Desse modo, construíram juntos um questionário (a seguir, 1987, p.8-11) e a Lira o aplicou junto a cem homens e mulheres da cidade e da roça. Além de preencher os questionários, Lira gravou em fitas k7 vários depoimentos pessoais dos entrevistados.

Esse trabalho que nós fizemos, é como eu já falei, a gente vai crescendo. Eu tive oportunidade, ele falava para mim “Lira, você que está me ajudando, é bom você conhecer alguns livros”. Então eu li Câmara Cascudo, Alceu Maynard, e outros mais. Porque eu não teria condições para ter livros. Alguns... muitos desses livros não são baratos né? Então foi esse trabalho com ele, que eu convivi com muito livro. Ele me dava para eu ter conhecimento. Ele falava “é bom você conhecer, porque a gente tá trabalhando junto”. E é claro que a leitura, ela orienta muito. E aí ele sempre falava que ia fazer um dicionário. E eu ficava imaginando como seria esse dicionário. Quando ele decidiu mesmo a mexer com o dicionário, ele falou na minha participação. E eu tive um pouco de receio porque eu não sou formada. Porque ele precisou de muita ajuda. Por exemplo, de pessoas que lidam com economia, sociólogo, antropólogo... Aí eu pensei, mas eu não estudei, eu tinha vergonha de meu nome aparecer no dicionário. Aí ele foi me explicando e falou “Lira, mas afinal de contas você é meu braço direito nessas pesquisas” e para eu não me importar com aquilo, né? E eu vi que tinha várias pessoas ajudando, como Dona Amélia e outros mais. Cada um num assunto para ajudar. Inclusive as letras que ele me pediu eu também fiquei com vergonha de fazer, cada letra né? Aí no fim eu aceitei fazer. Então também é uma coisa que não foi do dia para o outro. A gente começou a trabalhar, quando viu que já tinha um bom material, ele pensou nesse dicionário. E quando ele me explicou a finalidade desse dicionário, eu entendi muito bem. Não é um dicionário só do Vale do Jequitinhonha, mas do Brasil inteiro. E que mostra a importância, essa riqueza, da cultura dos pobres. Eu acabei aceitando o meu nome nesse dicionário. Isso no fim é claro que a gente sente feliz. De saber que é um dicionário diferente, e que mostra, ele põe você para caminhar,

põe você para viajar. E atrás de uma palavra, ir entrando para outra... É muito importante esse trabalho. Hoje eu sinto muito feliz que existe esse dicionário, que é de suma importância para o nosso Brasil, não só para o Vale. E é isso.

7 A narradora: sabedoria da Lira na transmissão de saberes

(...) Antonio Galante, de São Paulo, falou para mim: “Ó Lira, a gente vai levar cinco peças de você, cinco da Zefa e Dona Izabel”. A gente vai levar para São Paulo, se tiver aceitação, a gente vai fazer uma exposição suas lá. E aí eles levaram. E quando vieram já trazendo o dinheiro para nós foi um momento de muita alegria, de receber o dinheiro, em mãos, e aí eles planejaram uma Feira no SESC lá de SP, no SESC da Pompéia. Fomos eu, a Zefa, a dona Izabel e Adalmo. E levou o Coral Trovadores do Vale para fazer a abertura dessa exposição, que foi um sucesso. Foi um sucesso! Mas também passamos grande aperto. Que a gente não tinha costume com televisão. Não conhecia uma escada rolante, não conhecia nada, nada, nada, nada. Foi a primeira vez que eu entrei num carro para ir pra São Paulo. Nunca tinha entrado num carro não. E assim como Lira nunca tinha entrado, outras também não. E foi então essa alegria e o sofrimento de lidar com outras pessoas. Você está trabalhando ali no barro... a gente teve que levar barro... Entrevista, toda hora entrevista. Toda hora mais entrevista. Que a gente não tinha costume. E foi uma exposição muito bonita. Aí o Coral fez a abertura, veio embora, e eu, a Zefa, e a dona Izabel, nós ficamos lá ainda mais uns dias em São Paulo para trabalhar e dar entrevistas para as pessoas. E depois é que nós viemos. Então foi a primeira exposição. Foi Zefa, eu, e dona Izabel. E daí pra frente, ha!, a gente foi só crescendo... assim, o nome, o nome da cidade, do Vale, e a gente foi assim... sendo um pouco mais visto por conta dos meios de comunicação. Eu tinha muita visita aqui em casa, direto e reto, assim como eu, tinha a Zefa, dona Izabel também, lá em Santana, onde ela residia, e a gente recebe essas visitas até hoje. Eu recebo muita visita aqui em casa. E aí a gente foi crescendo também. Foi acontecendo também essas feiras na PUC lá de Belo Horizonte. Na época, o Dom Serafim, me parece, era reitor. E tinha a Tereza Coelho Magalhães, que coordenava esses estudantes para vir para Araçuaí. Todo ano, no mês de maio, no mês das mães, no dia das mães, a gente estava lá em Belo Horizonte, fazendo exposição. Ia dois

ônibus de artesãos para Belo Horizonte. Cada artesão levava sua mercadoria. Cada um tinha sua barraca. E além da cozinha que a associação levava (cachaça, queijo, requeijão, vários tipos de doce para vender..., carne...). Era uma coisa de louco essas feiras que aconteciam lá, em Belo Horizonte. O campus permaneceu aqui durante dez anos, depois o dom Serafim viu que já tinha feito algumas coisas pelo Vale, tirou o campus daqui, e parece que foi para Pirapora. Lá não durou nada. E foi dessa maneira que o artesanato foi ao auge. Isso ajudou muito, a divulgação através de rádio, jornal, a televisão... e começou a aparecer compradores de fora. Vinha do Rio de Janeiro, de São Paulo, Belo Horizonte, e assim por diante. E aos pouquinhos foi crescendo e a gente... sendo um pouco mais conhecido. E na medida em que você vai tendo esse reconhecimento, que a gente vai sendo mais reconhecido, valorizado, isso incentiva muito, dá prazer, a gente dar continuidade ao trabalho que a gente faz. E foi dessa maneira. O Frei Chico ajudou muito porque quando chegava os amigos dele padre, trazia aqui muita gente, para ver o trabalho meu, também eles visitavam muito o Coral Trovadores do Vale... O Coral fazia aquelas noitadas lá no Campus. A gente ia mostrar as músicas lá.... E foi assim. E eu falo com muito orgulho. Esse trabalho, que eu aprendi com minha mãe! Embora é muito diferente daquilo que ela fazia. É totalmente diferente. Mas esse orgulho de ter puxado ela, de gostar do artesanato, e de dar essa continuidade, nossa senhora, isso para mim foi muito importante! É muito importante! É isso, orgulho de minha mãe. E vejo, quando eu vejo que a gente fazia tanta exposição que eu fiz depois de perder a minha mãe, eu penso assim, por que é que minha mãe não está viva, para ela participar, ela ver, né? Ela alcançou alguma coisa, mas não foi tanto assim não. Eu vejo que nosso Vale tem uma riqueza imensa. Não só no artesanato, na música, na poesia... o Vale inteiro! A gente vê poetas, cantores... e artesãos. Na palha, artesão que trabalha na madeira, no barro, fazendo aquilo que gosta de fazer. E com sua maneira de trabalhar. Essa diversidade é que faz tudo muito bonito.

Em Diamantina eu fui algumas vezes. Mesmo aqui no Vale do Jequitinhonha, lá em Chapada do Norte, Minas Novas.... Para falar com os quilombolas, lá em Misericórdia. Para falar isso mesmo que eu estou falando com vocês. Da vivência,

e de como eu aprendi a arte. Para avivar, animar o pessoal das comunidades. E aqui eu andei muito com as pastorinhas. Andando na rua, cantando nas casas. Tirando as esmolas né? Depois eu reunia com essas crianças para saber o que é que queriam que fizesse com o dinheiro... Esse tipo de coisa.

“O que a gente sabe...”. Em muitos momentos da fala da mestra Lira sobre seu saber e sua atuação, o plural é destacado. Característica importante entre sujeitos mestres e mestras da tradição e da cultura popular. O saber, por estar entrelaçado à ancestralidade, é fruto de uma cosmovisão baseada em princípios comunitários. Sua pedagogia é libertadora e *descobre* dores, sentimentos de alegria, de esperança. Perguntamos à Lira como tem sido para si esta relação com a transmissão de saberes. Com toda a simplicidade e maestria que lhe é própria, Ela responde:

Uai, só pode ser bom! Né? A gente tem esse gosto de transmitir aquilo que a gente sabe. Eu não vou transmitir aquilo que eu não sei né? Quando chega... eu vejo aqui em casa... Por exemplo, vem muitos decoradores que queriam saber dessa tintura... da terra. E às vezes eles me perguntam se, por exemplo, “pra pintar uma parede, quanto?” [riso]. Eu não sei. Eu falo “ó, eu nunca pinte uma parede inteira, para saber o quanto disso ou daquilo vai gastar. Sempre eu faço são os meus desenhos. São desenhos pequenos. São uns três tamanhos. E que não vai gastar tanta terra, tanta pintura. Eu pinto é no papel, é na cerâmica, são peças menores. Então aqui em casa é direto, muita visita que eu tenho de arquiteto, decoradores... para saber. Aí eu mostro para eles o tamanho das coisas que eu faço, como é, o tanto de terra que eu coloco. Às vezes uma vaquinha, o tanto de água, de cola. Então eu falo para eles como EU faço. Porque eu falo para eles, eu nunca tive na escola, medindo, fazendo esses traçamentos aí. Então eu explico aquilo que eu faço. Vem outros querendo saber da argila, então eu mostro que ultimamente minhas oficinas são mais, por exemplo, lá na UFMG, que eu fui várias vezes, e outros lugares mais que eu fui, as oficinas estão sendo mais assim, falada. Porque também esse motivo desse problema no braço. Agora é que eu voltei a trabalhar com cerâmica. Eu faço às vezes uma peça por dia, tem dia que é duas, sabe? Dependendo de como está o braço. Porque os desenhos para mim, é mais simples assim. O barro é mais pesado. Então ultimamente as oficinas é mais falada mesmo.

Já fui não sei quantas vezes lá em Belo Horizonte, aqui na escola para professores. Por exemplo, a Márcia Betânia, aí de Diamantina, eu já dei oficina, tanto faz, na parte da cerâmica, como nessa parte também da pesquisa. Aí, da pesquisa é diferente. Porque essa outra tem que estar desenvolvendo com barro e não é todos os dias que o barro tem.

(...)

Agora as oficinas estão sendo mais faladas. Mas as técnicas, por exemplo, eu tive lá na Escola de Belas Artes [da UFMG], vi os tipos de forno lá que eles tinham, e eles queriam saber como é que eu pegava esse barro, como é que eu fazia, o que é que eu usava, foi muito bom. E eu vi que tanto os professores como os alunos gostaram. Porque eles viram que é totalmente diferente daquilo que eles fazem lá. Eu tive na escola de Belas Artes, em Belo Horizonte. Foi a mesma coisa, falando. E senti que eles gostaram da oficina. Porque lá, todo mundo de avental igual eu. Pessoal me acha aqui às vezes sentada no chão. Eles têm espátula e eu tenho é pena de galinha. Eu tenho um araminho, é um grampinho para fazer detalhes. E quando eles me mostraram lá vários tipos de espátula, se colocar na minha mão eu não sei como fazer. Até eu posso descobrir depois, sabe? Pode até descobrir, mas no momento, eu não vou saber nada. Como eu dei lá no Rio de Janeiro, eu dei oficina para mães e filhos e pessoas que mexiam com Belas Artes. Elas levaram o barro todo, bem amassadinho, e dei lá no Rio de Janeiro. Lá no Paço Imperial. Mas aí eu ainda dava conta né? De mexer. Por isso ultimamente as oficinas estão sendo assim por esse motivo. E tem dia que eu não passo assim muito bem. Então eu estou mesmo trabalhando agora pra mim. Agora tem dias que não mexo. Tem muita peça aqui em casa. Cerâmicas. Mas é assim. Num dia eu faço uma, talvez no outro dia estou mais disposta, que o braço cansa, sabe? Às vezes faço duas.... então é de acordo. A pintura e o desenho... é mais razoável. Mas assim mesmo esse negócio de vai e vem com o braço, também cansa.

8 "Eu escrevo no barro": arte que brota da profundidade da terra

Nosso povo é sofrido. Foi vendo esse sofrimento que fiz minha primeira peça (Pessoas brotando da terra que dá sustento ao Cruzeiro). Porque foi isso que vi, o povo pedindo, carregando água e pedras lá para o alto. Uma penitência.¹⁰

¹⁰ Disponível em: http://www.artedobrasil.com.br/maria_lira.html Acesso em 20 jan.2021

A dimensão política na arte da Lira está presente desde as primeiras criações, a partir (i) do que aprendeu e viveu com sua mãe, família, vizinhos, comunidade do entorno, (ii) da ética com a qual trocava dicas e aprendizados com colegas artesãos, (iii) dos livros que lia, (iv) das pesquisas que travava ao percorrer o Vale e levantar tantas histórias, contos, causos, músicas, feridas, vitórias, versos, cantigas...

Há a peça “**Fantasminha**”, de 1974, ou seja, produzida por volta dos 29 anos, ainda muito nova. Sobre ela, Lira relata: “Está comigo, muito bem guardada. Viajou a São Paulo, levei só para mostrar e voltou comigo. Ela é todo aquele sofrimento que tive, aquele pavor que eu tive em criança. É uma peça muito revoltada, é a única que tenho guardada”. (Lira Marques, *in* FIGUEIREDO, 1983, p. 36)

A obra da Mestreira Lira também é profundamente marcada por sua ancestralidade negra e indígena: algo muito explícito em suas máscaras, mas também em suas peças de barro. Para Lira, a opressão sofrida por negros e índios a inspira para fazer expressões de rostos. Costuma sempre ressaltar algumas peças que considera chaves para mergulharmos em seu imaginário, em sua ação enquanto artista que expressa também as dores humanas através de seu trabalho. Sobre este fator em especial, o cantor e compositor Rubinho do Vale, em depoimento registrado no livro “Me ajude a levantar” reflete:

(...) veio uma pessoa em minha casa e com toda alegria fui mostrar-lhe as minhas peças; e não é dizer que não entendia das coisas não, era gente de anel no dedo. Aí, virou pra mim e perguntou se aquilo tinha valor, se aqueles bolos de barro tinham valor. [...] ela olhou pra mim e disse que eu tava boa de caçar um serviço, o tempo de mexer com aquele barro que eu arranjasse um trabalho, que eu tava boa de “MOER CACO DE VIDRO COM A BUNDA”, uma expressão daqui que a gente usa pra uma pessoa quando nada faz, não cuida de nada. (Lira Marques, *in* FIGUEIREDO, 1983, p. 35)

É uma cabeça grande, uma boca muito grande, nessa boca do meio está escrito DESAFORO e em volta da cabeça tem outras cabeças. Eu queria mostrar essa barreira que existe, dessas outras cabeças, que são as pessoas chatas e que não deixam a gente ter vez, onde essa pessoa central sou eu, não que esta peça quer dizer só de mim, mas esta é a realidade. Enquanto tem eu que estou sofrendo com alguma coisa, tem o Brasil inteiro, muita gente não tem vez de nada. (Lira Marques, *in* FIGUEIREDO, 1983, p. 35)

“O Poder”, por sua vez, complementa este posicionamento político da Mestre. Retrata uma pirâmide de pessoas que dão sustento ao Rei que fica em cima.

“Aborto”, “Parto”, “Basta”.. Nesta última, uma pessoa é esmagada pela outra, “uma tá comendo a outra”. Durante o mesmo depoimento registrado pelo sociólogo Carlos Figueiredo, comenta ainda sobre uma peça sem nome, na qual duas pessoas unidas em uma só mostram para si carinhas boas e por trás caras feias que representam o real sentimento omitido.

Ao estudar e documentar a cultura do Vale, amplia uma consciência que é totalmente refletida em sua arte, nos temas e imagens que dela brota.

Tem outras peças mais que tem nome. Tem uma mesmo que eu fiz, que é muita gente que sai do tronco de uma árvore, e elas parecem espectro saindo do chão, e que foi inspirada numa música do Coral que é assim: [Lira canta] “ô vida triste é a vida da pobreza, ô vida alegre é a vida da riqueza, as horas certas têm a cama e têm a mesa, eu quero dormir um sono, no colo de uma princesa.... aiá...”. Eu fiz a peça inspirada nessa música. Então é por isso que eu digo que o trabalho da pesquisa me ajudou a olhar mais na frente.

Os “bichos do meu sertão”, como a própria Lira nomeia, percorrem suas cerâmicas e fortemente suas pinturas. Uma técnica em que mergulha mais recentemente, a partir dos problemas físicos que a impedem de mexer com peças mais pesadas e o barro (que demanda muito esforço para deslocamento, preparo, feitura, queima, entre outros processos).

*Eles estão na minha cabeça, no meu coração. E esses bichos também pode ser gente. E eles estão, eles são do mundo! Eles não são só do Vale do Jequitinhonha. É do mundo! Então é um trabalho inspirado assim viu? No próprio trabalho da pesquisa, na cultura popular, no que eu vejo que passa ao meu redor. E eu sempre falo, eu não sei fazer poesia, não sei fazer música, **mas eu escrevo no barro! A gente escreve no barro!***

E aí a gente vai desenvolvendo. É o que eu falo que é a criatividade do artesão. Porque... não pode ser tudo igual! Se o trabalho de todo mundo fosse igual, então aquele que tem criatividade vai né? Vai vendo. E não precisa um imitar o outro, cada um tem seu caminho. E que o caminho de cada um é válido. Naquilo que ele faz. Outros já vai mais para o que é decorativo, também tem seu valor. O Vale não é só miséria, tem coisa bonita também. Então é assim, quando você o álbum que eu tenho aqui de documentação do trabalho, você vai ver máscara, você vai ver de um tudo. Vai ver de um tudo. Então eu observo muito o que tá acontecendo no mundo, no meu próprio Vale. Porque a gente não pode dizer que no Vale também não tem sofrimento. Porque, também se não tivesse, não ia sair ônibus daqui pra São Paulo, pra corte de cana. (...)

Olha, deixa eu te falar. As máscaras são inspiradas no negro. Quando não é uma máscara que é mais negra, ela é indígena. Porque eu tenho descendência também de indígena, na família. E minha mãe me falava muito sobre o negro. E eu nessa pesquisa, junto com o Frei Chico, a gente pesquisou muita coisa sobre o negro. Histórias que contam o sofrimento do negro. Inclusive, eu só vestia azul, branco e rosa. Porque minha mãe falava que outras cores berrantes, por exemplo, vermelho, que não ficava bem no negro. Ela contava assim do sofrimento. E eu, porque é que eu gosto de fazer expressão de rosto, principalmente do negro. Porque por conta dessas histórias que ela contava. E depois que eu comecei o trabalho de pesquisa, mas eu desenvolvi junto com esse trabalho com o Frei Chico. Porque eu percebi logo, eu percebi logo. Quando eu fui a primeira vez para entrar no Coral, que eu cheguei lá e falei pra Frei Chico assim “eu vim aqui pra entrar no Coral, pode?”. Ele me recebeu muito bem. Ele falou “entre e participa da roda”. Quando eu vi o chic-chic, que é o lugar lá, o espaço onde a gente ensaia até hoje, tudo com coisas, pensamentos, coisas que me alertou e que toda vida eu gostei assim, de ler, né? E que vi cantando os cantos de batuque, os cantos de roda, logo aqueles ritmos, as toçadas de tambor foi no meu coração! E o pessoal, mãe toca batuque, mãe canta esses cantos de roda, e por aí eu comecei o trabalho de pesquisa. E foi dessa maneira que eu consegui trabalhar junto com o Frei Chico, vendo essa inclinação, esse gosto pela coisa. Ele me chamou a trabalhar junto com ele e foi um crescimento assim total. Mesmo dentro da pesquisa. E esse próprio trabalho da pesquisa me ajudou também a desempenhar o meu trabalho na cerâmica. Que eu fiz muita coisa inspirada na pesquisa, e que dei o nome para peça. E também as peças às vezes nem precisa de nome. A própria peça já mostra, que cada um define a peça como ele quer, como ele sente, como ele pensa. Então eu fiz muitos trabalhos e dei um nome para aquela peça. Por exemplo, a peça da “Seca”, referindo aqui 75 e 76, foi numa crise de seca. Chegava na zona rural só tinha a mulher e o filho. Porque o marido tinha ido para São Paulo, para o corte de cana, né? Então esse trabalho de pesquisa, com Frei Chico também, me ajudou muito a enxergar mais, enxergar mais na frente. Porque os cantos retratam muito a vida do Vale do Jequitinhonha. Tem os cantos de trabalho, os cantos de beira-mar, os cantos de tropeira, os cantos de boiadeiro, falam muito da vida, do Vale do Jequitinhonha. Os cantos de roda... e principalmente esses cantos de trabalho, né, que são os cantos de beira-mar, de boiadeira, de tropeira. Então me ajudou muito trabalhar mais, sabe? Então minha mãe falava muito sobre o negro, do sofrimento... contava as histórias... E aí com esse trabalho de pesquisa, junto com o Frei Chico, ihhhh, mais coisas eu aprendi. Coisas assim absurdas. Gravei com as pessoas mais velhas né? Mais vivida. De mais experiências. Que contou essas histórias. E aí eu comecei a desenvolver a expressão de rosto. Ora do negro ora do índio também, que é outra classe discriminada também. E que eu também tenho descendência, na família, de indígena. E as outras peças, que são baseadas assim, que mostram a realidade do Vale do Jequitinhonha, mas também que mostra essa realidade do mundo! É o que a gente vê acontecer nos grandes centros. Rio de Janeiro, São Paulo, e assim por diante. A discriminação contra o negro, que agora

tá, tá pegando essa anedota. Depois que aconteceu isso nos Estados Unidos, já acontecia, toda vida aconteceu. Inclusive em escola a gente não aprendeu muito sobre o negro e nem sobre índio. De índio era as penas coloridas que eles usavam, que é antropófago, que eu tenho lembrança dos conto. Usavam essas penas e o branco nem sabe por que é que usa. Eles usam enfeite na perna e no braço, cá fora usava só para enfeite. Mas eles não usavam só para enfeite. Aquilo tinha um valor grande na vida deles, como do negro também, que eu vejo que tem muita coisa semelhante. O negro e o índio. A forma de criar os filhos, a forma de ensinar, do casamento. Algumas coisas que eu já vi, que eu vejo que tem muita semelhança. Enquanto as pessoas usam.... mas pra eles não era só enfeite não. Então eu aprendi muito dessas coisas que minha mãe falava, sobre as histórias na região. Depois eu pesquisando, mais que eu fui vendo. Porque as pessoas contavam. Então eu faço muita máscara querendo mostrar o sofrimento dos negros, do índio. E outras figuras são baseadas no que a gente vê. Nessa opressão. E às vezes eu dou um nome pra ela. Por exemplo, tem a peça do "Parto". "Desaforo basta", "Me ajude a levantar", que se tornou o nome de um livro. Foi feito sobre a minha pessoa. E assim por diante. Tem outras peças mais que tem nome. Tem uma mesmo que eu fiz, que é muita gente que sai do tronco de uma árvore, e elas parecem espectro saindo do chão, e que foi inspirada numa música do Coral que é assim: [Lira canta] "ô vida triste é a vida da pobreza, ô vida alegre é a vida da riqueza, as horas certas têm a cama e tem a mesa, eu quero dormir um sono, no colo de uma princesa.... aiá...". eu fiz a peça inspirada nessa música. Então é por isso que eu digo que o trabalho da pesquisa me ajudou a olhar mais na frente. Então é... o forte é as máscaras, mas têm essas outras pinturas que a gente faz, tem os meus bichos do sertão, na cerâmica, e agora eu faço eles na pintura. E aí a gente vai desenvolvendo. É o que eu falo que é a criatividade do artesão. Porque... não pode ser tudo igual! Se o trabalho de todo mundo fosse igual, então aquele que tem criatividade vai né? Vai vendo. E não precisa um imitar o outro, cada um tem seu caminho. E que o caminho de cada um é válido. Naquilo que ele faz. Outros já vai mais para o que é decorativo, também tem seu valor. O Vale não é só miséria, tem coisa bonita também. Então é assim, quando você o álbum que eu tenho aqui de documentação do trabalho, você vai ver máscara, você vai ver de um tudo. Vai ver de um tudo. Então eu observo muito o que está acontecendo no mundo, no meu próprio Vale. Porque a gente não pode dizer que no Vale também não tem sofrimento. Porque, também se não tivesse, não ia sair ônibus daqui para São Paulo, para corte de cana. E agora eu vejo que sai ônibus para colher maçã, como eu tive sobrinho que trabalhou lá em São Paulo, no corte de cana. Os meus trabalhos são baseados nisso aí, viu? É mais um trabalho de inspiração. Por exemplo, meus bichos do sertão. Eles estão na minha cabeça, no meu coração. E esses bichos também pode ser gente. E eles estão, eles são do mundo! Eles não são só do Vale do Jequitinhonha. É do mundo! Então é um trabalho inspirado assim viu? No próprio trabalho da pesquisa, na cultura popular, no que eu vejo que passa ao meu redor. E eu sempre falo, eu não sei fazer poesia, não sei fazer música, mas eu escrevo no barro! A gente escreve no barro!

Em escola eu não despertei minha consciência para o povo mas o engajamento em grupos de reflexão e movimento populares, acho que o próprio sofrimento da gente – porque às vezes tem pessoa que sofre e não sabe porque está sofrendo – e também as leituras que sempre gostei de fazer, foram me despertando pra realidade. (Lira por ela mesmo no livro Me ajude a levantar, pág. 47)

9 Lira política

Eu fui a primeira presidente do PT [em Araçuaí, MG, em 1980]. Era um grupo pequeno, a gente não tinha experiência nenhuma de política (...). As pessoas que estavam participando do partido era tudo bem pobre. Bem pobre, e quase, muitos analfabetos. Eu pelo menos, tinha medo, quando vinha alguma pessoa rica. Às vezes, um médico querer entrar no partido, eu ficava querendo prender o partido demais, por ter medo deles tomarem o partido da mão da gente. Tudo aquilo que a gente fazia em termos, por exemplo, de organizar a papelada... era muita burocracia. E eu lembro que quando foi pra Lula vir aqui na primeira vez foi difícil. Porque a gente tinha que fazer um ofício e levar na delegacia. E todo ofício que era feito, eles não aceitavam o ofício. Aí Gera é que me alertou. A Gera falou assim: “olha, você toma providência porque eles estão fazendo tudo isso é pra não ter nada!”. Aí nós chegamos lá na delegacia... o delegado foi falar assim pra mim: “pois é Maria, é Lula que tá vindo aí né?”. Eu falava: “é sim senhor”. Num medo, que eu vou te falar! “Pois é Maria, nem você nem Lula vai mudar a situação do Brasil. O Brasil é daqui pra pior”. Aí começou a dar uma lição pra gente. Mas nós não falávamos nada. Só ele é quem falava. Ele falou assim: “o que você faz Maria?”. Eu falei: “eu sou artesã”. Aí ele escreveu lá. Aí pediu filiação. Aí eu dei. Aí ele falou comigo assim: “pois é Maria, amanhã eu vou dobrar o policiamento lá na praça e você não vai deixar falar mal do governo e nem deixar falar mal do senador e do povo”. E nessa época eu não sei o que Maluf era, “você não vai deixar falar mal não, viu Maria?”. (...) Eu nunca tive aquele dom de falar, ir em palanque lardear política. Meu papel foi mais de conscientizar as pessoas e de fazer filiação... Então eu procurei pessoas para falar, ao invés de como presidente falar alguma coisa, porque eu não tenho esse dom (...). (Mestra Lira Marques. WARREN, Jonathan; MACKLIN, Angelica. Documentário De Baixo Para Cima - From the Bottom Up)

10 Correu areia e barro de telha: reconhecimento de Lira

Quando eu peguei esse nome de Mestra minha filha. Quando eu recebi esse nome de Mestra! Eu recebi aqui a carta da Terezinha Furiati. Aí, quando eu abri a carta, isso foi agora há pouco tempo, não tem tanto tempo. Porque pra mim chegar (...) correu areia e barra de telha, é um dizer que tem. Quer dizer, foi muito duro. Não foi do dia para o outro não. Não foi de um dia para o outro pra gente ter esse reconhecimento não. Eu estava sentada aqui na varandinha, quando eu recebi a carta. Falava nessa homenagem... e receber o nome de Mestra Lira, eu fui em outro mundo e voltei. Nossa Senhora! Eu lia, lia a carta, fechava e punha e tornava a abrir a carta, e tornava a abrir. Moça, não tem nada para essa satisfação, esse prazer, e a gente sentir, gente. Quando você se sente valorizado. Eu fiquei na maior

satisfação. Então eu mostrei a carta para o pessoal aqui de casa. Foi esse momento. Sente que você tem um valor. E nossa senhora, quando eu lembro, eu sinto vontade de chorar.

Nó, a Terezinha já teve aqui em casa. Ela teve aqui em casa e depois a gente se encontrou lá. Eu fui algumas vezes dar essas oficinas. Então a gente se conhece. Eu tive lá na Escola de Belas Artes em Belo Horizonte. Tive na reitoria, falando... o que estou falando para você, falando para professores... e fui várias vezes em Belo Horizonte. Uma vez foi para crianças. Outra vez para adultos, adolescentes... Fui várias vezes. Então, a gente viu esse título, não só Lira, mas outros meus colegas, né? Dona Izabel, o Mestre Antônio, Ulisses... e outras mais... Então aos pouquinhos vai chegando os reconhecimentos para cada artesão do Vale. Porque são pessoas... (...). Foi um momento muito importante.¹¹

Mestra Lira Marques também integra a Comissão Encontro de Saberes na UFVJM, desde sua primeira formação, em março de 2018 (Portarias de Nomeação presentes no Portfólio em anexo). Sua atuação foi importantíssima tanto na construção do Projeto Encontro de Saberes aprovado pelo Conselho de Pesquisa e Pós Graduação desta universidade, como também na constituição afetiva do grupo que a integra. Suas falas precisas, sua sabedoria e experiência militante colocaram-nos a dançar, a jogar versos... olharmos para dentro de nós como há muito não o fazíamos. Nos fez refletir sobre a potência dos encontros (entre pessoas, saberes, territórios, vidas!). Sua presença inspirou a publicação do primeiro Boletim Encontro de Saberes (2018) e muitas outras ações da comissão.

Mestra Lira nos toca pela forma orgânica com a qual nos ensina a nos conectarmos com nosso território de abrangência, com as comunidades, com nossos estudantes, com o povo, com as belezas e com os saberes do Vale.

Concordamos com Trancoso (2020) quando afirma que a

invisível Universidade Aberta Intercultural dos Sujeitos Encantados do Vale do Jequitinhonha é “um mundo onde cabem outros vários mundos [pluridiverdidade] que afirmam que outro mundo é possível”

¹¹ A carta sobre a qual Mestra Lira relata encontra-se no Portfólio que segue anexo a este memorial.

(MIGNOLO, 2007). Os serviços prestados por essa “inoperosidade” e por essa interculturalidade são potentes atos políticos que interrompem o curso nefasto das leis excludentes do capitalismo (...) (TRANCOSO, 2020, pp. 2 e 3).

Trancoso (2020) também nos desloca em suas palavras, quando destaca que os sujeitos interculturais e intersubjetivados do Vale do Jequitinhonha (...) escrevem numa língua complexa e especialíssima: as encantarias. Estas,

reúnem filosofia, metáfora, imaginação, literatura e outros ingredientes que fogem à compreensão racional que o Ocidente teima em universalizar. Essas encantarias revelam uma civilização micélica e uma interculturalidade que propõem outra lógica, outro mundo, outras tecnologias de produção de conhecimento, outra filosofia que desloca fixezas dos corpos, das vozes, dos olhares, movimentando outras linhas¹². (TRANCOSO, 2020, p. 1).

Deixamos aqui as palavras que encerram este artigo como uma tentativa de aprendizado para a vida.

O que sustenta a gente é a cultura! É a cultura. É que sustenta! A cultura, ela tem muita força! Depois que cê perde tudo, sem cultura, sem nada... Ela é que sustenta! Esse mundão doido. Um dia as pedra rola, rola e a gente se encontra!

Cantiga Pra Lira

Música/ Composição: Rubinho do Vale

Lá vem trinta trovadores
No meio uma moça de trança
A cantar os seus valores
Um beira-mar e uma dança, uma esperança de resistir
Com a mesma força das águas do rio Araçuaí

O seu olhar é uma mina
Que aflora e mina tanto amor
Com seu coração de ouro
Tesouro tão encantador

¹² Disponível em: <https://deatrancoso.wordpress.com/2021/02/23/vale-do-jequitinhonha-interculturalidade-intersubjetivacao-e-encantaria/> Acesso em 10 mar. 2021

Do barro em suas mãos de manjedora
Vai nascendo cada criatura tão encantadora

Quem vai lá ver sua arte
Não parte antes que admira
Como é que a mão de Lira
Transpira tanta emoção
Meu Deus onde é que ela inspira
Quando ela fala o sentimento fala lá do coração

Me ajude a levantar
Cortar as dores na raiz
Plantar flores no país
Meninos, homens explorados
Fantasminhas e flagelados

Eu quero ver crescer nesse lugar um povo mais feliz

Referências bibliográficas

WALTER, Benjamin. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas I**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. In: **FESTIVAL DE INVERNO DA UFMG, 52º**, 2020, Belo Horizonte. Ensaio Mundos Possíveis. Belo Horizonte: DAC/UFMG, 2020. Disponível em: <https://issuu.com/culturaufmg>, Acesso em 10 jul. 2023.

FIGUEIREDO, Carlos. **Me ajude a levantar. Depoimento de Maria Lira, uma mulher do Jequitinhonha**. 4ª ed. Belo Horizonte: Edições Pedra Verde – vol.1., 1983.

MARQUES, Maria Lira; GONTIJO, Altina Maria; POEL, Francisco van der; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ser Negra no Vale: um estudo sobre a mulher negra de Araçuaí no Vale do Jequitinhonha, MG**. 1988.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. 2 ed. Brasília: Editora Ayô, 2019.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Mulheres Trabalhadoras Rurais**. Volume 4, número 2, setembro de 2010. Disponível: <file:///C:/Users/tudap/AppData/Local/Temp/770-Texto%20do%20artigo-2136-1-10-20121018-1.pdf> Acesso em 10 maio 2023.

TRANCOSO, Déa. **Vale do Jequitinhonha: interculturalidade, intersubjetivação e encantaria**. Ensaio produzido a partir de um capítulo da dissertação “O mastro é o centro do mundo: a cosmologia de João do Lino Mar, Capitão dos Catopês de Nossa

Senhora do Rosário de Bocaiúva, Minas Gerais”, defendida, em 2018, no mestrado em Estudos Rurais, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), e revisado na disciplina “Educação, práticas e saberes (afro)diaspóricos e (re)existências”, no doutoramento em Educação pela Unicamp, primeiro semestre de 2020.

WARREN, Jonathan; MACKLIN, Angelica. **Documentário De Baixo Para Cima - From the Bottom Up**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EUbPJNl_s5c Acesso em 06 dez. 2020

